

GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação

ISSN 2177-3688

FENÔMENO MEMORIALÍSTICO NA VIRTUALIDADE: MUSEUS E PANDEMIA COVID-19

MEMORIALISTIC PHENOMENON IN VIRTUALITY: MUSEUMS AND COVID-19 PANDEMIC

Rafael Teixeira Chaves - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Teresa Cristina Scheiner - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O texto aborda a transformação dos museus em resposta à pandemia, enfatizando a virtualização das atividades e a interação com o público no ambiente online. As Tecnologias da Informação e Comunicação desempenharam um papel central neste processo adaptativo. Durante a pandemia, inúmeros museus adotaram estratégias online, como criação de conteúdo digital, exposições virtuais, webinars e palestras virtuais, destacando a importância da criatividade e da tecnologia para manter o acesso dos usuários. O artigo propõe uma reflexão sobre como os museus se reinventaram durante a pandemia e como planejaram o futuro em um mundo cada vez mais virtual, destacando desafios e oportunidades relacionados à virtualidade, à musealização e digitalização de objetos musealizados. O texto explora ainda temas como o interesse pela virtualidade, a Museologia do luto durante a pandemia da COVID-19 e a importância da memória na cultura digital e na Cibernuseologia. Apresenta também a ideia de museu como uma especificidade em constante evolução, mais relacionada a uma ideia ou processo do que a um espaço físico específico; e enfatiza a importância da Cibernuseologia na transformação dos museus, permitindo maior interação com o público. Com relação à Museologia do luto, destaca o papel dos museus como instituições sociais em tempos de crise; sobre a memorialística na virtualidade, analisa a Nova Museologia e a importância das redes sociais na construção e compartilhamento de memórias. Em resumo, o texto enfatiza a necessidade de repensar o papel dos museus na era digital, com foco na interação, na participação do público e na preservação da memória, à medida em que as tecnologias digitais transformam a Museologia em algo mais inclusivo e participativo.

Palavras-chave: museu; museologia; pandemia-Covid19; virtualidade.

Abstract: The paper addresses the transformation of museums in response to the pandemic, emphasizing the virtualization of activities and the interaction with the public in the online environment. Information and Communication Technologies played a central role in this adaptive process. During the pandemic, several museums adopted online strategies such digital content creation, virtual exhibitions, webinars and virtual lectures, highlighting the importance of creativity and technology to maintain public access. The article proposes a reflection on how museums reinvented themselves during the pandemic and how they planned the future in an increasingly virtual world, highlighting challenges and opportunities related to virtuality, musealization and digitization of museum objects. Furthermore, the text explores themes such as museums' interest in virtuality, the museology of mourning during the COVID-19 pandemic and the importance of memory in digital culture and Cybermuseology. It also presents the idea of museum as a specific phenomenon in constant evolution, more related to an idea or process than to a specific physical space; and emphasizes the importance of Cyberculture in the transformation of museums, allowing greater interaction with the public. The topic on museology of mourning highlights the role of museums as

social institutions in times of crisis; concerning memorialistics in virtuality, it analyzes New Museology and the importance of social networks in the construction and sharing of memories. In summary, the text emphasizes the need to rethink the role of museums in the digital era, with a focus on interaction, public participation and memory preservation, when virtuality and digital technologies transform museology into something more inclusive and participatory.

Keywords: museum; museology; Covid19 pandemic; virtuality.

1 INTRODUÇÃO

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a Pandemia de Coronavírus COVI-D19, doença causada pelo novo Coronavírus (SARS-CoV-2). Em consequência, a rotina das pessoas, em nível global, se alterou pelas medidas de proteção e combate ao vírus, até então desconhecido. Observando o impacto da COVID-19 sobre o universo dos museus e sobre a prática museológica entre 2020 e 2022, o texto focaliza especialmente as possibilidades de musealização de registros no ambiente virtual e de interação com os públicos, compreendendo o espaço virtual como um espaço de mediação entre público e museu.

Tais processos são apoiados nas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e se desenvolvem no ciberespaço - e, nas duas primeiras décadas do século 21, foram responsáveis por inúmeras transformações nos ambientes musealizados e sobretudo nos processos de musealização. Giselle Beiguelman, em artigo publicado em 2020¹, oferece uma análise perspicaz da situação dos museus diante dos desafios impostos pela pandemia, destacando como os museus precisaram se adaptar rapidamente, abraçando a virtualização e a tecnologia para continuar a cumprir sua missão de educar, inspirar e conectar com o público.

A transformação dos museus em espaços virtuais, a Museologia do luto e a importância da memória na era digital são questões essenciais abordadas no artigo. Em um mundo cada vez mais virtual, os museus enfrentam desafios significativos, mas também têm a oportunidade de se tornarem mais inclusivos e participativos, redefinindo seu papel na sociedade contemporânea. Durante o período de pandemia, a divulgação dos resultados de duas pesquisas realizadas pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM)², revelou que 95%

¹ Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/04/atropelados-pela-pandemia-museus-rastejam-na-idade-da-pedra-da-internet.shtml> publicado 17.abr.2020 à 1h00. Acesso em: 11. Set. 2023.

² O ICOM é um órgão consultivo da UNESCO, criado em 1946. Trata-se de uma organização não governamental que estabelece padrões profissionais e éticos para as atividades do museu. Como fórum de especialistas, faz recomendações sobre questões relacionadas ao patrimônio cultural, promove a capacitação e o avanço do conhecimento sobre museus e para museus e o patrimônio (ICOM, 2020).

das instituições museológicas que haviam respondido às questões da primeira fase da pesquisa foram obrigadas a fechar suas portas para proteger seus funcionários e o público³. Como consequência, surgiram relatos de demissões de colaboradores de museus, redução ou extinção de contratos com discussões de serviços temporários, cancelamento ou redução da quantidade de exposições planejadas para o ano de 2021 e até mesmo a ameaça de fechamento permanente de algumas instituições (ICOM, 2020). O órgão concluiu que os museus se revelaram altamente sensíveis às crises.

2 MUSEOLOGIA DO LUTO

Durante a pandemia a Museologia enfrentou a memorização do luto criando acervos em memória das vítimas da Covid-19 como um construto social em momento de crise. Este fenômeno memorialístico no âmbito museal se destaca pelo fato de o acervo nascer no espaço virtual e pelo seu caráter histórico: acervo nato virtual e história narrada no tempo presente.

A inserção destes museus nas redes potencializou a visualidade do museu online, e fez com que os profissionais olhassem para seus acervos e reinventar novas formas expográficas, uma expografia Cibermuseal, assumindo papéis de informação e interação com o seu público através das suas redes.

Os museus mais tradicionais já lidam com o tema do luto: de certo ponto de vista, os objetos passam a ter uma nova vida, um novo significado, uma “segunda vida” (DEBARY, 2010). Sendo assim, neste contexto “os museus desafiam a finitude prometendo a seus ocupantes uma ‘segunda vida como patrimônio’ (KIRSHENBLATTGIMBLETT, 1998⁴ apud DEBARY, 2010, p. 3).

De que luto estamos tratando neste artigo? De um luto em que, por conta dos protocolos sanitários em razão da COVID-19, o ritual de despedida não se deu, foi limitado pelas contingências - e alterou a relação do luto neste período. Sendo assim, qual o papel dos museus? Ou seja, os museus durante este período se dedicaram a coletar, compartilhar acervos em meio virtual, em homenagem (*in memoriam*) às vítimas de COVID-19.

³ Scheiner comenta que “O primeiro levantamento obteve e analisou cerca de 1600 respostas de museus e profissionais de museus em 107 países dos cinco continentes, coletadas entre 07 de abril e 07 de maio de 2020. [...] Os resultados desse primeiro levantamento, publicados em maio de 2020, indicaram que 94,7% dos que responderam à pesquisa haviam declarado que ‘os museus em seus países se encontravam fechados entre 7 de abril e 7 de maio’” (ICOM, 2020, p. 3, *apud* SCHEINER, 2023, p. 39).

⁴ KIRSHENBLATT-GIMBLETT, Barbara. **Destination Culture**. University of California Press. Berkeley-Los Angeles, 1998.

Os corpos que vêm perecendo, vítimas de um mal invisível, desaparecendo sem possibilidade de despedida, cremados e destituídos de velório, fazem pensar sobre a própria imaterialidade do luto que permanece mesmo depois das cinzas e que se alastra, com a mesma velocidade de sua causa viral. Esses corpos que têm a sua precariedade evidenciada e televisionada por causa do COVID-19 escondem outros corpos para os quais não há túmulo e nem crematório disponível (BRULON SOARES, 2020, s/p.).

3 MEMORIALÍSTICA NA VIRTUALIDADE

A Nova Museologia trouxe alguma inovação na perspectiva de reorganização teórica e metodológica para as experiências museais a partir de novos conceitos, práticas e modelos de museus⁵. Desde os anos 1960, as práticas abertas e participativas defendidas por alguns teóricos já vinham contribuindo para produzir uma série de mudanças no comportamento do público e transformações no modo de se relacionar com essas instituições. A Nova Museologia enfatizou e acelerou esses processos.

Scheiner (2023, p. 54) defende “Um museu realizado sempre no afeto, plural desde a origem - e que ajude cada indivíduo, cada grupo social a colocar-se em contato consigo mesmo e com todas as realidades que configuram as diferentes dobras do real”. Em tempos em que tudo é midiaticizado em tempo real, a pandemia da COVID-19 e o consequente isolamento geraram um momento de registro e de criação de acervos em meio virtual – especialmente acervos constituídos acerca da pandemia e do isolamento. É possível que a inspiração para tais acervos tenha sido gerada pela “mania memorial” (DOSS, 2008), mas com a utilização das redes sociais e a massificação de conteúdo - e como a virtualidade se move em outro tempo e outro espaço, “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal” (RICOEUR, 2007, p. 15). Candau (2011, p. 151) destaca que “essas memórias deixam traços compartilhados por muito tempo por aqueles que sofreram”.

A conexão que se dá entre a memória no ambiente virtual/digital e conexões como a do Luto diante do isolamento criou processos de *rito in memoriam* nas redes sociais - como memoriais e postagens onde as famílias se despediam dos seus entes, e os seus seguidores expressavam palavras de conforto. Como reflete Philippe Artière (1998, p.25), “arquivar a

⁵ Cabe explicar que a maioria das práticas e modelos afirmados pela nova museologia já existiam desde meados do século 19, quando grandes museus e galerias de arte começaram a buscar novas formas de aproximação com o público. Em todos os casos, é importante reconhecer que os modelos e práticas já existiam antes da nova museologia e que ela serviu para enfatizá-los.

própria vida é querer testemunhar”. As redes sociais promovem estes movimentos de arquivar e de manter o testemunho. No caso da pandemia, compartilhamos em tempo real nossa vivência porque futuramente podemos estar diante de um novo acontecimento: o de esquecer, para não lembrar.

As experiências museais vindas à tona durante a pandemia procuraram trazer uma sensação de proximidade, uma

Identificação especular que me coloca no lugar do outro – sem me confundir com ele – com uma proximidade maior do que quando me encontro diante de um relato de ficção, por mais que todo relato de vida seja inevitavelmente ficcional (ARFUCH, 2010, p. 18).

O discurso de memória na atualidade se dá através das Redes Sociais, conforme salienta Castells (2003, p.08): “atividades econômicas, sociais, políticas e culturais, essenciais por todo o planeta, estão sendo estruturadas pela internet e em torno dela, como por outras redes de computadores”. Recuero (2012) destaca que as redes sociais são as estruturas dos agrupamentos humanos, constituídas pelas interações, que constroem grupos sociais. Nessas ferramentas, essas redes são modificadas, transformadas pela mediação das tecnologias e, principalmente, pela apropriação delas pela comunicação” (RECUERO, 2012, p. 16).

Lima (2013, p.52-53), por sua vez, destaca que “a musealidade faz-se entendida detentora de ‘qualidade’ que imprime e configura efetivando a mudança da realidade dita de origem por outra situação: a construção da ‘realidade’ musealizada”. Para Lima, portanto, a musealidade é um atributo que assume caráter definidor e valorativo, uma ‘especificidade’ outorgada por condição do campo da Museologia pela sua via expressiva de representação, o Museu - elemento mediador junto ao meio social da percepção do real através da ‘sua’ realidade construída; assentada no elenco de bens culturais e naturais no seu espaço teórico e prático de ‘ser’ e, ao mesmo tempo, ‘tratar’ o patrimônio, isto é, a herança coletiva” (LIMA, 2013, p. 53).

Já para Scheiner,

Musealidade é um valor atribuído a um determinado objeto ou fenômeno, tangível ou intangível, representativo de uma dada dobra do real, a ponto de ser considerado por algum indivíduo ou grupo como merecedor de ser registrado, documentado, conservado e comunicado para as gerações presentes e futuras (isto é, musealizado). [...] Considerando que cada grupo social atribui valor(es) a diferentes manifestações, fenômenos e/ou registros do real; que tais valores se articulam com o modo como cada grupo se percebe e percebe o mundo a sua volta; e que tais percepções se alteram no tempo e no espaço, a percepção da musealidade é um múltiplo e está em

permanente deslocamento. Pode-se então dizer que nenhum objeto ou dobra do real “possui” musealidade: ela é sempre um valor atribuído (SCHEINER, 2023, s/p.)⁶.

Aqui, musealidade não é um valor intrínseco, mas sim algo que pode ser designado e atribuído aos objetos, fenômenos e registros do real. Este é um processo que muda com o tempo e o espaço e, portanto, diferentes grupos sociais podem atribuir diferentes contextos a itens que podem ser identificados como “musealizáveis”. À medida em que a taxonomia se expande para diferentes domínios, regras e práticas, a ideia de musealidade expande-se para além da simples coleção e conservação para abranger novas áreas, aprofundadas como o patrimônio, a educação, o desenvolvimento social e outros.

Com a Cibermuseologia, busca-se renovar e atualizar os espaços museais através da valorização da tecnologia digital e da universidade, a fim de dar maior destaque a temáticas relevantes no universo da cultura digital e a educação científica. Além disso, a Museologia cibernética, que também é chamada de criteriosa, focaliza a compreensão dos espaços digitais de diferentes tipos e seu contributo para o espaço virtual e o relacionamento entre espaços culturais da sociedade tradicional e contemporânea. Dessa forma, é possível enfatizar interdisciplinaridade, produções inovadoras e reflexão crítica, com a finalidade de democratizar os espaços museológicos com relação ao acesso às informações, características exibidas e possibilidades de acessibilidade para contribuição e aprendizado.

Da mesma forma, a tecnologia digital deve estar presente no campo da história e do patrimônio, criando meios para tornar disponíveis exposições sobre temas que antes não eram narrados ou ampliando o conhecimento gerado a partir dos novos elementos empregados e possibilitando o surgimento de novas plataformas de interação. No entanto, ainda “esquecemos mais do que lembramos” (CANDAU, 2011, p. 16) e apesar dos processos de ativação da memória nas Redes Sociais a efemeridade é muito constante: assim como ativamos, criamos um discurso que logo esquecemos pelas atualizações das redes. Destaca-se esse movimento contemporâneo de salvaguarda e o papel das instituições de memória em coletar, preservar. Um movimento para lembrar, buscando coletar a memória de uma pandemia.

A memória e a lembrança nas redes sociais são mediadas destacando novas formas de espaços de memória e de contextualizar a sociedade atual. Recuero (2012) destaca que

⁶ SCHEINER, T. **Sessão de orientação** [não publicado]. Rio de Janeiro, 2023.

O computador, mais do que uma ferramenta de pesquisa, de processamento de dados e de trabalho, é hoje uma ferramenta social, caracterizada, principalmente, pelos usos conversacionais. Isso quer dizer que os computadores foram apropriados como ferramentas sociais e que esse sentido, em muitos aspectos, é fundamental para compreensão da sociabilidade na contemporaneidade (RECUERO, 2012, p. 21).

A materialidade e a imaterialidade são pertinentes às substâncias, às coisas. A Informação e o conhecimento estão na ordem do acontecimento e do processo; a desterritorialização, o desprendimento, a elevação à problemática e a não particularidade são características distintivas da virtualidade. Para refletir o conceito de memória virtual e imagética no espaço museal, em virtualidade, instância onde o objeto se torna virtual, o conteúdo expográfico se reinventa na sua proposta de comunicação sobre os acervos. A potência que já vinha sendo muito utilizada por museus, com a pandemia, se multiplica. Este é um notável marco museológico dos museus antes da pandemia e na pós-pandemia: os museus reinventam novas formas de conexões com seus públicos, refletindo em interação.

Bauman comenta que

O advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves. As conexões tendem a ser demasiadamente breves e banais para condensar-se em laços. [...] os contatos exigem menos tempo e esforços para serem estabelecidos, e para serem rompidos (BAUMAN, 2004, p.39).

A visualidade é muito forte e necessária nas redes sociais: entende-se aqui o uso da fotografia como elemento de memória na virtualidade, pois “a fotografia é um dos componentes do funcionamento desta sociedade intensamente visual e intensamente dependente da imagem” (MARTINS, 2008, p. 36). A fotografia virtualizada tem outro tipo de materialidade, seja pela imagem ou pelo discurso sobre ela empregado nas redes sociais. Portanto:

A fotografia nutre a sua interpretação por uma contínua remessa do real, que não se deixa congelar, que não interrompe o seu fluxo e que, por sua vez, agrega e redefine significações ao que só aparentemente é um “congelamento” de imagem e, nesse sentido, um “retrato” da sociedade em certo momento (MARTINS, 2008, p. 37).

Sobre a imagem, Bergson afirma:

[...], mas nossa lembrança continua em estado virtual; dispomo-nos assim apenas a recebê-la adotando a atitude apropriada. Pouco a pouco aparece como que uma nebulosidade que se condensa; de virtual ela (lembrança) passa ao estado atual; e, à medida que seus contornos se desenham e sua superfície se colore, ela tende a imitar a percepção (BERGSON, 1999, p. 156).

Podem ser considerados patrimônio digital tanto os acervos documentais digitalizados, registros fotográficos digitais de monumentos e patrimônios, como as próprias repositórios que armazenam e fazem a gestão desses materiais, assim como os lugares de memória citados por Pierre Nora (1993) e Gonçalves, Guimarães e Bittar (2013). Poulot (2013) declara que o patrimônio é como o princípio subterrâneo e a manifestação autoproclamada de um trabalho social e intelectual: querer apreender o gesto patrimonial no seio da história social e cultural é pensar nos recortes e nos “enquadramentos” aos quais ele se consagra, em uma relação sempre complexa com o que o organiza.

Pode-se considerar como patrimônio digital museológico tanto as digitalizações de acervos documentais, registros fotográficos digitais de monumentos e patrimônios, como os repositórios que armazenam e fazem a gestão desses materiais. Segundo Dodebei (2005, p. 47), “o patrimônio, portanto, deve ser compreendido como o conjunto de informações que caracterizam as ordens de significado dentro de um grupo, povo ou nação”

A própria noção de patrimônio na virtualidade se reconfigura: o patrimônio musealizado torna-se virtualizado passando pelos processos de Cibermusealização onde é pensado e inserido em formato compatível com as redes sociais; os museus atuam como lugares de registro e de criação de conteúdo expográfico Cibermuseal.

Para pensar a Cibermuseologia aplicada à cultura digital é fundamental o aprofundamento nas questões que envolvem interdisciplinaridade e reflexão crítica, com a perspectiva de debater bem a democratização do Museu, movimento que vai ao encontro do exposto por Scheiner:

O museu que independe de um espaço e de um tempo específicos, mas que se revela de modos e formas muito definidas como espelho e símbolo de diferentes categorias de representação social. Compreender que Museu (fenômeno) não é o mesmo do que um museu (expressão limitada do fenômeno) permite-nos aceitar que ele assuma diferentes formas; permite-nos, ainda, prestar atenção às diferentes ideias de Museu, presentes no universo simbólico dos diferentes grupos sociais (SCHEINER, 2008, p. 43).

Nesse sentido, os museus vão se reconfigurando conforme a sociedade vai se modificando e ampliando a capacidade de percebê-los com base no pensamento crítico. O construto multimuseal proporciona um novo olhar sobre as ações museológicas, ampliando seu repertório. Isso implica revisão das práticas, para que sejam direcionadas a ações inovadoras de aprendizado, de acordo com os novos conceitos inseridos no universo museal

contemporâneo, tal como ocorre com a Cibermuseologia. Scheiner salienta o papel dos emissores e receptores do/no discurso dito “museal”:

Deveria também ser reanalisada a eficácia discursiva dos museus na sociedade contemporânea, especialmente no período atual, que ousamos considerar como de “pós-pandemia”: emergindo das contingências impostas pela COVID-19, museus de diferentes países buscam redimensionar suas narrativas - ou, em alguns casos, consolidar as narrativas desenvolvidas nos últimos anos e julgadas ainda atuais (SCHEINER, 2023, p. 14-15.).

É preciso repensar o fenômeno relativamente recente do campo comunicacional e diretamente ligado ao desenvolvimento das tecnologias digitais; bem como os demais temas - despreparo para o uso da virtualidade, falta de conexão com internet, acervo virtual como “objeto” e não somente informativo - que vêm sendo tradicionalmente tratados pela Museologia e os museus desde, pelo menos, a segunda metade do século 20.

E mesmo assim é preciso cuidado ao abordar este último tema: em trabalho recente já havíamos comentado que a Museologia contemporânea está impregnada por uma continuada retórica sobre a conectividade, que se apresenta sob a forma de discursos reiterativos sobre a conexão, as redes e a necessidade de os museus ‘se modernizarem’, aderindo às novas tecnologias. Essa retórica se irradia desde a Academia e contamina os museus, muitos dos quais se sentem praticamente compelidos a adotar dispositivos e procedimentos certificados como ‘atuais’ no cenário das práticas culturais (SCHEINER, 2023, p. 13 *apud* SCHEINER, 1998, p. 23).

Scheiner (2023, p. 16) pondera ainda que o uso das TICs deve ser incorporado com muita cautela ao universo museal: é preciso examinar onde, quando e como elas vêm influenciando no desenho de novas teorias e na implementação de novas práticas relativas aos museus. “Passadas quase quatro décadas do uso generalizado dos dispositivos digitais, sabemos que eles hoje estão presentes em todos os aspectos de nossas vidas - e isso naturalmente se estende aos museus” (*Ibidem*).

No início do século Castells já indicava os museus como “agentes de conectividade”, com protocolos interidentitários capazes de transformá-los em “conectores de diferentes temporalidades, traduzindo-as a uma sincronia comum” (CASTELLS, 2001, p. 12 *apud* VIANA, 2016, p. 5).

Scheiner reflete sobre a resignificação desses processos: “os museus vêm atravessando “complexos processos de resignificação, buscando adequar-se aos modos de ser do indivíduo contemporâneo” (SCHEINER, 1998, p. 183), sendo preciso ter em conta, sempre, que “nem tudo o que se realiza nas redes deverá necessariamente ser incorporado

ao âmbito museal” (*Ibid.*, p. 182); e mesmo quando isto acontece, a incorporação pode se dar por meio de processos efêmeros, com movimentos descontinuados e muitas vezes contraditórios, que cruzam transversalmente o universo dos museus (SCHEINER, 2023).

O papel social destas instituições como fonte de interação e lugar de memória é composto pelos processos de reciprocidade relacionados com as instituições (arquivos, bibliotecas e museus), o contexto social mais amplo ao qual elas pertencem, os públicos que as utilizam ou se relacionam com elas, e as dimensões simbólicas envolvidas nesses processos (ARAÚJO, 2014).

Os museus são instituições de memória e não podem ignorar essa transformação cultural advinda da Cibercultura. Neste sentido, a “rede” é um instrumento de importância para os museus, seja para divulgar seus acervos ou para permitir o acesso às suas exposições e receber a realimentação do público. Essa nova espécie de autobiografia, registro de si, seria um lugar de memória ou um repositório de memória individual na virtualidade, através dos usos das tecnologias digitais, que realiza a mediação entre os objetos musealizados difundidos no ambiente virtual, possibilitando que cada visitante faça a sua interpretação das informações sobre os acervos documentais da instituição.

Brulon Soares destaca que o Museu é um reflexo material de como as sociedades lidam com as reformulações do passado no presente. Mas a Museologia só serve para fazer viver, quando atua pela valorização da própria vida, isto é, contra a necropolítica que produz a desigualdade do direito ao luto e no combate a doenças que atingem não apenas a vida individual, mas também o mais viver em sociedade (BRULON SOARES, 2020, s/p.).

A pandemia do COVID-19 foi um marco para a sociedade e diversas áreas e para a Museologia não foi diferente. Este feito, ainda sem precedentes, poderá dar preciosos indicadores de como será a atuação pós-pandêmica nos museus. Pode-se observar que os museus brasileiros estão mais conectados e buscando formas de comunicação em plataformas e suportes que eram pouco utilizados. E de que forma esse evento e esses fenômenos já estão sendo esquecidos?

Beiguelman resume em poucas palavras o que já é visto nas redes: “há quem diga que a Coronavida poderia ser pior. Poderia não ter memes, a dádiva da Internet no tempo das redes sociais. É fato que quem vai contar a história dessa nossa Coronavida são os memes” (BEIGUELMAN, 2020, p. 35). Hoje os memes estão por um lado suprimindo a lacuna deste tempo pandêmico em que fomos devastados e inseridos nas telas e conectividades para tudo. E

pondera sobre o futuro pós-pandêmico: Bruno Latour disse que “a última coisa a fazer seria voltar a fazer tudo o que fizemos antes” (LATOIR, 2020 *apud* BEIGUELMAN, 2020, p. 35). Mas talvez o futuro da pandemia já tenha se tornado presente. E a primeira coisa a fazer seria não deixar que a Coronavida se torne o nosso depois.

A função social destas instituições como fonte de interação e lugar de memória é composta pelos processos de reciprocidade relacionados com as instituições (arquivos, bibliotecas e museus), o contexto social mais amplo ao qual elas pertencem, os públicos que as utilizam ou se relacionam com elas, e as dimensões simbólicas envolvidas nesses processos (ARAÚJO, 2014).

Ao compreender o museu na virtualidade como um espaço simbólico aberto a novas formas e expressões, os profissionais de museus devem ser observadores atentos para perceber os acontecimentos ao seu redor, para colocar em prática a Museologia que apresenta o Museu como campo de potência para a reflexão social e política, atuando a partir das suas diferentes manifestações - com propósito de compreender com profundidade os contextos e razões que as fundamentam. Esse movimento é importante para fortalecer o Museu como síntese das múltiplas realidades socioculturais do passado e do presente e como instância de legitimação e reconhecimento da diferença, da empatia e da participação social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se pesquisa COVID-19 o que encontramos são números e impactos econômicos e materiais, mas não se vê o social, o registro de quantas famílias perderam seus entes queridos, quantas pessoas foram enterradas em cova coletiva. Podemos refletir sobre o pós-pandemia diante disto tudo: o que estamos querendo lembrar e o que estamos querendo esquecer? Neste tempo e espaço totalmente conectados, em que as tendências do momento suprem informações em tempo real, é preciso conhecer melhor que tempo é este e pensar o luto neste “tempo online”, em que estamos 24 horas conectados.

Em 5 de maio de 2023 a Organização Mundial da Saúde (OMS) ponderava que a pandemia de COVID-19 deixou de representar uma emergência de saúde global. Decretou-se o fim da Pandemia. Nessa perspectiva, a virtualidade se torna um âmbito de reflexão e discussão acerca de objetos musealizados na medida em que incorpora novas dinâmicas que vão além da preservação dos objetos. Além disso, o uso das redes sociais viabiliza uma cultura de compartilhamentos, tornando a plataforma digital um lugar de experimentação de uso

para museus. Assim, ocorre a mudança paradigmática acerca dos formatos dos museus, pois assumem outras funções para além de locais de contemplação.

Os museus como espaços de memória não podem ignorar essa transformação cultural advinda da Ciberultura. Neste sentido, a “rede” é um instrumento de importância para os museus, seja para divulgar seus acervos ou para permitir o acesso às suas exposições e receber a realimentação do público. Essa nova espécie de autobiografia, registro de si, seria um lugar de memória ou um repositório de memória individual na virtualidade, através dos usos das tecnologias digitais, que realizam a mediação entre os objetos musealizados difundidos no ambiente virtual, possibilitando que cada visitante faça a sua interpretação das informações sobre os acervos documentais da instituição.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, I. M. M. **“Saúde e Desenvolvimento” no Brasil: o pensamento de Mário Magalhães da Silveira e de Josué de Castro.** 2014. 127f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 21, p. 09-34, 1998.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BEIGUELMAN, G. **Coronavida: pandemia, cidade e cultura urbana.** São Paulo: Escola da Cidade, 2020.

BERGSON, H. **Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.** Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BRULON SOARES, B. Museus pandêmicos: apontamentos a partir de uma museologia do luto. **Revista Museu**, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2020/8487-museus-pandemicos-apontamentos-a-partir-de-uma-museologia-do-luto.html>. Acesso em: 30 mai. 2023.

CANDAU, J. **Memória e Identidade.** São Paulo: Contexto, 2011.

CASTELLS, M. **A galáxia da Internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DEBARY, O. Segunda mão e segunda vida: objetos, lembranças e fotografias. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 2, n. 3, p.27-45, ago./nov. 2010.

DOSS, E. **The Emotional Life of Contemporary Public Memorials**. Amsterdã: Amsterdam University Press, 2008. Disponível em:
<https://library.oapen.org/handle/20.500.12657/35289>. Acesso em: 28 mai. 2023.

DODEBEI, V. Memória, Circunstância e movimento. In: GONDAR, J.; DODEBEI, V. **O que é memória social**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.

GONÇALVES, J. R.; GUIMARÃES, R.; BITAR, N. **A Alma das Coisas**: patrimônios, materialidades e ressonâncias. Rio de Janeiro: Mauad X, Faperj, 2013.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. **Dados para navegar em meio às incertezas**: Parte II – Resultados da pesquisa com públicos de museus. [s.l.]: ICOM, 2020. Disponível em:
http://www.icom.org.br/wpcontent/uploads/2020/11/20201119_Tomara_ICOM_Ciclo2_FIN_AL.pdf Acesso em: 28 Maio 2023.

KIRSHENBLATT-GIMBLETT, Barbara. **Destination Culture**. University of California Press. Berkeley-Los Angeles, 1998.

LIMA, D. F. C. Musealização: um juízo/uma atitude do campo da museologia integrando musealidade e museália. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 42, n. 3, p. 379-398, set. /dez. 2013.

MARTINS, J. S. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

POULOT, D. **Museu e Museologia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

RICOEUR, P. **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RECUERO, R. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SCHEINER, T. C. **Apolo e Dioniso no templo das musas**. Museu: gênese, idéia e representações na cultura ocidental. 1998. 152f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

SCHEINER, T. C. O museu como processo. **Cadernos de diretrizes Museológicas 2**: mediação em museu: curadorias, exposições, ação educativa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.

SCHEINER, T. C. Prólogo: Museologia, patrimônio, narrativas do real. O que dizem, hoje, os museus? *In*: MAGALHÃES, F.; DA COSTA, L. F.; HÉRNANDEZ, F. H.; CURCINO, A. (Coord.).

Museologia e Patrimônio: volume 10. Leiria: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Politécnico de Leiria, 2023. p. 12-62.

SCHEINER, T. **Sessão de orientação** [não publicado]. Rio de Janeiro, 2023.

VIANA, K. M. **O fenômeno gatekeeper** – Museologia, compartilhamento e conectividade híbrida na sociedade global. 2016. 104f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2016.